



“A Xi Hanhi Xitsungo!” (Viva o Povo!) Quando a juventude foi às ruas e paralisou as cidades moçambicanas

Miguel Muhale¹

RESUMO

O presente texto resulta de uma imersão etnográfica dentro das manifestações populares havidas em Moçambique após as eleições de outubro de 2024. A partir de uma perspectiva situada, a reflexão procura mostrar como os protagonistas desses actos entendem a vida social e política do país, volvidos 50 anos de independência marcados por guerras e uma transição democrática que se mostra incapaz de abrir espaço à pluralidade que caracteriza os diversos povos e grupos do país.

Palavras-chave: Moçambique, etnografia, manifestações, eleições, juventude.

¹ Miguel Muhale é doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo – USP (2022), onde é membro do HYBRIS - Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Relações de Poder, Conflitos, Socialidades, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Seu interesse pela cultura política e relações de poder em Moçambique enfoca na democracia, eleições, autoritarismo, movimentos sociais e precariedade social urbana. É professor de antropologia no Instituto Superior de Artes e Cultura (ISArC).



Introdução

Moçambique² organiza eleições multipartidárias regularmente desde 1994. Pela sua centralidade, os consecutivos escrutínios monopolizam a atenção pública, mobilizando grandes recursos materiais e humanos de diferentes sectores da sociedade, quer da máquina administrativa estatal, quer do empresariado local. Essa regularidade não se tem traduzido no aperfeiçoamento dos serviços administrativos³ eleitorais e tão menos na transparência e justiça dos pleitos⁴, levando a sociedade civil e os partidos da oposição a repetir as acusações e denúncias de viciação do processo eleitoral⁵ nas suas diferentes etapas, desde o recenseamento, votação, contagem, até a validação e divulgação dos resultados; portanto, um ciclo de fraude sistemática que, sob conviência das altas instituições jurídicas, tem contribuído para a contínua instabilidade social e política em Moçambique⁶.

² O país ganhou independência do colonialismo português em 1975, proclamada pela FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), que adotou o monopartidarismo, o que aliado à outros factores, concorreu para uma guerra de 16 anos, travada pelos guerrilheiros da Renamo (Resistência nacional de Moçambique) contra as forças governamentais. A assinatura dos Acordos de Paz em Roma, em 1992, entre os dois beligerantes, colocou fim formal às hostilidades e conduziu à era democrática inaugurada com as eleições de 1994, vencidas pela Frelimo, partido que continuou mantendo sua hegemonia ao ganhar todos escrutínios que se seguiram.

³ Para mais reflexões sobre o funcionamento dessas instituições, ver MACUANE, J. (2020). *Estrutura e agência das instituições de soberania e democratização em Moçambique, 1990-2020*. pp. 55-80. in: Rosário DM et all. *Democracia multipartidária em Moçambique*. Edição 1. EISA. Maputo.

⁴ MBILANA, G. (2019). O Contencioso Eleitoral – Uma análise da actuação do Conselho Constitucional à luz da jurisprudência eleitoral. Conferência “Desafios para Moçambique: dez anos pensando no País”. Maputo, 19 – 20 Setembro. IESE

⁵ ROSARIO, DM, (2020). Órgãos de administração eleitoral em Moçambique: entre a (im) parcialidade, (in) dependência e a procura de transparência nas eleições “competitivas” em tempos de regimes híbridos. In: Rosário DM et all. *Democracia multipartidária em Moçambique*. Edição 1. EISA. Maputo.

⁶ BRITO, L. Brito, (2015) “Alguns Desafios do Presidente Nyusi”. in Luís de Brito et al. (orgs) *Desafios Para Moçambique 2015*, Maputo: IESE. pp. 23-30.



O clima de tensão e total descrédito⁷ pelo sistema eleitoral⁸ na véspera das eleições de 9 de outubro de 2024, evoluiu para uma convulsão social sem precedentes. Multiplicavam-se nas redes sociais cibernéticas denúncias de irregularidades; enquanto os órgãos eleitorais publicavam resultados⁹ favoráveis à Frelimo e seu candidato, Daniel Chapo. Em protesto, Venâncio Mondlane passou a usar suas redes sociais cibernéticas para convocar manifestações que, com uma mobilização popular sem precedentes, paralisaram nos meses seguintes as principais cidades e demais regiões do país.

Assisti a eclosão dessas mobilizações no centro da cidade de Maputo, no dia 21 de outubro. Testemunhei a proliferação e metamorfose contínua desses protestos, que envolviam diferentes nichos e também eram apropriados pela classe média alta dos bairros de elite de Maputo, ou pelas populações das periferias urbanas e rurais. Como se depreenderá mais adiante, o cerceamento da mobilidade urbana instalado nesse período impediu uma observação participativa mais abrangente dos eventos relatados¹⁰. Esse facto faz-me dividir o presente escrito em duas partes: a primeira ligada a esse contexto de mobilidade desafiadora, no qual busco estabelecer um

⁷ Sobre a instrumentalização e descrença nas instituições eleitorais moçambicanas, ver: NUVUNGA, A, & SALIH MM (2013). "Party dominance and electoral institutions: framing Frelimo's dominance in the context of an electoral governance deficit." *Africa Review* 5, no. 1 (2013): 23-42; e também MUHALE. M.J. J. (2022). *A Democracia em regimes autoritários: o funcionamento da democracia em Moçambique a partir de uma perspectiva etnográfica das eleições gerais de 2019*. Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo.

⁸ Eleições: CNE vai atropelar as denúncias de irregularidades? Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/elei%C3%A7%C3%B5es-em-mo%C3%A7ambique-cne-vai-atropelar-as-den%C3%Bancias-de-irregularidades/a-70460680> Acesso em: 20-01-2025. Deutsche Welle é a emissora internacional da Alemanha. Emite programas de rádio e a oferta online da DW África dirigem-se aos países africanos de língua portuguesa - Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Segue atentamente a realidade moçambicana, oferecendo informação consistente sobre diversos aspectos.

⁹ Daniel Chapo obteve 65,17%; Venâncio Mondlane somou 24,19%; Ossufo Momade ficou com 6,62% e por fim, Lutero Simango com 4,02%, de acordo com os resultados finais divulgados pelo Conselho Constitucional a de dezembro de 2024.

¹⁰ Mesmo após a tomada de posse de Daniel Chapo a 15 de janeiro, continuaram a se registrar focos de revoltas, com formas diversas, o que ilustra a pluralidade e autonomia de seus protagonistas que, não se resignaram e se manifestaram mesmo após o primeiro encontro formal do presidente empossado com Venâncio. Não darei conta de tamanha vastidão do fenómeno neste escrito, mas é importante assinalá-la ao leitor, para que não tenha uma imagem monolítica dos factos.



entendimento dos fenómenos vivenciados a partir de outras e minhas experiências; já a segunda é iminentemente etnográfica¹¹.

O enfoque do presente texto recai em fenómenos por mim vivenciados na área metropolitana da capital, no sul do país. Evidentemente, a minha imersão e lugar no campo reconhecem as afetações decorrentes dessas vivências e também do compromisso ético estabelecido com os meus interlocutores. Trata-se, portanto, de uma leitura parcial e sem qualquer pretensão holística, que envolve sujeitos com os quais eu me revia, uma vez que partilhamos relativamente de mesmos desafios e constrangimentos sociais, e almejamos mudanças estruturais por mais inclusão, pluralidade e justiça social.

Isso não descarta o cuidado com a objectividade analítica. Para pesquisar as manifestações *por dentro*, ou melhor, para captar a perspectiva dos manifestantes a partir de uma posição mais próxima, além do engajamento, valeu-me sobremaneira a proficiência em Changana e Ronga, variantes da língua Tsonga, idioma bantu usado no sul de Moçambique, e que são misturados indiscriminadamente na área metropolitana da capital, onde constituem língua franca.

O texto não apresenta dados numéricos, visto que na altura da sua escrita, os arrolados por um grupo ou outro, encontravam-se envoltos em disputa ou então, mostravam-se deveras questionáveis. De toda forma, não se trata de uma ausência impreterível, uma vez que a ciência antropológica privilegia o construído - a maneira particular como conjunto de ideias moldam a percepção, compreensão, significação de fenómenos dentro de um contexto específico. O empreendimento descritivo e interpretativo que se segue representa um esforço de compreensão de como as

¹¹ Foi um período com enorme profusão de disputas de narrativas; desinformações, debates (criação de fóruns cibernéticos de conferências em voz e vídeo, durante as noites), boatos, invenção e veiculação de informações falsas; alteração das programações dos canais televisivos e radiofónicos, passando a cobrir e debater os levantes populares. Houve ainda na blogosfera, a publicação de várias reflexões sobre a situação geral do país. A produção de memes e edição de imagens reflectia como era moldada a experiência subjectiva dos acontecimentos. Adicione-se também a emergência de novos actores no debate público (criadores de conteúdos cibernéticos), que se destacavam pelas suas abordagens, etc. Como se pode depreender, é material rico e extenso demandando grande atenção e dedicação para a sua análise, não cabendo deste modo na presente proposta.



manifestações foram vivenciadas e experienciadas pelos meus interlocutores em dado período.

O Estopim

O gabinete jurídico do então candidato, Venâncio Mondlane, já se preparava para realizar a contestação dos resultados¹², visto que, os anúncios parciais davam vantagem à Frelimo e Daniel Chapo. Além das denúncias de ilícitos, viciação e fraude, a equipa alegava possuir documentos oficiais recolhidos nas mesas de votação que comprovavam a sua vitória. Foi nesse período que, no dia 19 de outubro, na cidade de Maputo, Elvino Dias e Paulo Guambe, advogado e mandatário de candidatura do Venâncio, e mandatário do partido PODEMOS¹³, respectivamente, foram assassinados dentro de uma viatura, em uma emboscada feita por homens armados¹⁴.

Atendendo ao chamado de Venâncio, juntei-me a milhares de cidadãos desejosos de homenagear as vítimas, prestar solidariedade aos familiares e repudiar o fuzilamento, deste modo, ocupando o local do assassinato, o perímetro entre a Rua da Resistência, avenida Joaquim Chissano e Praça da OMM, na cidade de Maputo, no dia 21 de outubro. Logo nas primeiras horas daquela manhã, a polícia dispersou os pequenos grupos madrugadores, e só conseguimos de facto aglomerar quando a moldura

¹² A Comissão Nacional de Eleições (CNE) anunciou os resultados no dia 24 de outubro, portanto, 15 dias após o escrutínio, e o Concelho Constitucional (CC), como já referido, estabeleceu a anulação e resultados finais no dia 23 de dezembro, isto é, quase 90 dias depois da votação.

¹³ Partido Otimista pelo Desenvolvimento de Moçambique, fez acordo e suportou a candidatura de Mondlane quando este viu suas tentativas de concorrer por outras forças políticas chumbadas pelas autoridades eleitorais

¹⁴ Venâncio Mondlane e a imprensa afirmam que a viatura atacada foi atingida por vinte e cinco balas de metralhadora AKM. As autoridades locais não confirmaram ou sequer desmentiram tal informação, uma vez que os dados da perícia nunca foram divulgados e também não há informações sobre respectiva investigação. Após os eventos de 21 de outubro, temendo pela sua vida, Mondlane fugiu do país e passou a se comunicar com seus apoiantes a partir das suas redes sociais, regressando apenas em janeiro de 2025, na véspera da investidura de Chapo.



humana se avolumou. Em um acto pacífico, com flores, lamúrias, orações, canções¹⁵ populares ou revolucionárias, gritos de ordem, revolta e empunhando cartazes; sem qualquer aviso, fomos surpreendidos com bombas de gás lacrimogénico e balas de borracha, disparados por policiais, que com bastante truculência, passaram a nos perseguir e efectuar prisões indiscriminadas¹⁶. Longe de acabar com aglomeração, a acção policial expandiu e transferiu as manifestações para outras artérias e bairros da cidade, onde houve confrontos violentos afetando e envolvendo outros intervenientes.

A partir de então, a sociedade moçambicana passou a assistir uma avalanche de formas criativas de mobilização popular, focada inicialmente na reivindicação da reposição da verdade eleitoral, e posteriormente fundamentadas na rejeição do governo da Frelimo, acusado de asfixiar o espaço público, ser intolerante, autoritário, e ainda incidir em políticas que perpetuam a fome, pobreza, desemprego, corrupção, falta de habitação, precariedade na saúde e educação. Essas pautas eram constantemente levantadas durante as mobilizações, onde as conversas particulares ou mais alargadas abrangiam a precariedade social, espelhada no encarecimento de produtos alimentares e materiais de construção, no alto custo de vida, e nos elevados índices de desemprego. Os cartazes, não raras vezes improvisados em caixotes de papelão e rabiscados a carvão, exteriorizavam também a indignação com a concentração de renda e de oportunidades em um pequeno grupo de indivíduos ligados ao poder político, em especial ao partido Frelimo, visto como distanciado das massas, escancarando uma enorme crise de representatividade¹⁷.

A rápida e massiva adesão às mobilizações pela juventude, pode ser explicada não apenas pela indignação com a resposta repressiva e violenta da polícia, mas também pela fadiga e desesperança nas nunca concretizadas promessas de um futuro melhor,

¹⁵ Eram puxados improvisos em repúdio à Frelimo e seus dirigentes, intercalados com diferentes versos do rapper Azagaia.

¹⁶ Sobre os eventos dessa data, uma reflexão mais detalhada será feita em outro escrito.

¹⁷ TOMAZI, L.A. (2018). "A crise de representatividade política e seu contexto social". *Revista Direito em Foco* – Edição nº 10.



pelo regime. É uma juventude que optou conscientemente em transformar a situação de espera¹⁸, chamando para si a responsabilidade de lutar pela sua emancipação económica, social e política. Por cerca de seis meses, a nova rotina instaurou um novo tempo social, o “tempo das greves” ou o “tempo das manifestações”; eventos disruptivos, em vários casos associados a violência, que modificaram o ritmo quotidiano da vida nas cidades moçambicanas, expondo fissuras e causando cisões nos relacionamentos¹⁹ afectivos, familiares, laborais e de amizades, ao mesmo tempo em que criavam aproximações sociais outrora inexistentes, o que possibilitou a costura de novas lealdades.

A proliferação de actos e incorporação de novos repertórios

A grande resistência das populações do bairro Polana Caniço “A” e Maxaquene, que confrontaram a polícia que adentrou disparando nas suas ruas e becos perseguindo, manifestantes no dia 21 de outubro, serviu de exemplo para as juventudes de vários bairros limítrofes e periféricos que circundam a cidade de Maputo.

Aderindo às convocações à paralisação²⁰ geral, feitas por Venâncio, nas suas *lives*, passou a se verificar bloqueio de vias, dentro dos bairros e nas estradas principais de acesso ao centro de Maputo. Embora obedecendo dinâmicas próprias, cumpriam o mesmo objectivo: desde as primeiras horas da manhã, impedir grandes deslocações e o

¹⁸ HONWANA, A. (2014). Juventude, waithood e protestos sociais em África. in Luís de Brito et al. (orgs) *Desafios Para Moçambique 2014*, Maputo: IESE. pp. 399-412.

¹⁹ Os posicionamentos políticos dos indivíduos ou o seu silêncio eram questionados e usados para definir afastamento ou pertencimento ao mesmo grupo ideológico. Indivíduos de imagem mediática eram cobrados ou atacados, questões da sua vida particular eram expostas nas redes sociais; famílias romperam e namoros foram terminados, à semelhança do “Tempo da Política” explicitado em PALMEIRA, M. e GOLDMAN, M. (orgs.). 1996. *Antropologia, Voto e Representação Política*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 240 pp.

²⁰ Manifestações paralisam trânsito na cidade de Maputo. Disponível em: <https://opais.co.mz/manifestacoes-paralisam-transito-na-cidade-de-maputo/>. Acesso em: 30-01-2025. O Jornal *O País*, pertencente ao grupo Soico, maior conglomerado na área multimédia em Moçambique. Embora tenha ganhado espaço ao veicular notícias desfavoráveis aos governos frelimistas, atualmente é acusado de ter mudado de linha editorial.



acesso ao centro da cidade de Maputo²¹, paralisar o grande comércio, o qual é entendido como gerido por agentes frelimistas.

“Ninguém passa daqui”, gritou um interlocutor enquanto mobilizava seus companheiros a colocar barreiras em uma grande via que liga a cidade de Maputo à Matola. Continuou “se nós estamos a lutar para acabar com esta ditadores e exploradores, como é que alguém quer passar para ir trabalhar?”, ainda acrescentou: “virem vossos carros e voltem para vossas casas, aqui ninguém vai vos apedrejar, mas não insistam, voltem...estamos a organizar o país!”. Retornou aos seus afazeres, empilhando pedras, restos de madeira, garrafas, troncos e ramos de árvores, etc, enquanto os demais ainda iniciavam o incêndio de um pneumático.

Esse episódio é ilustrativo de uma razão política fundamentada, contrariando as narrativas governamentais que enquadravam as revoltas como actos de vandalismo²², circunscritos às regiões de maior vulnerabilidade social, conduzidos por crianças, adolescentes e jovens instrumentalizados²³ por agentes externos com interesses obscuros.

Nos dias subsequentes essa via ganhou notoriedade nos noticiários pelas batalhas realizadas entre os manifestantes e agentes policiais. Tanques blindados eram barricados e apedrejados. Aliás, o enfrentamento à polícia passou também a ser relatado nas regiões mais periféricas. Suas viaturas eram incendiadas nos casos em

²¹ Em um primeiro momento as paralisações foram na cidade capital, mas rapidamente, espalharam-se por demais regiões e centros urbanos do país.

²² Polícia reitera apelo à população a não aderir a actos de vandalismo em alegada contestação a resultados eleitorais. Disponível em: <https://www.rm.co.mz/policia-reitera-apelo-a-populacao-a-nao-aderir-a-actos-de-vandalismo-em-alegada-contestacao-aos-resultados-eleitorais/> Acesso em: 30-01-2025. A Rádio Moçambique (RM), é o maior canal radiofónico do país, com emissões ininterruptas para todas províncias, tendo alcance aos cantos mais recônditos. É controlado pelo governo moçambicano, abordando geralmente perspectivas que lhe são favoráveis.

²³ PRM considera manifestações ilegais. Disponível em: <https://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/nacional/prm-considera-manifestacoes-pos-eleitorais-ilegais/> Acesso em: 30-01-2025. Folha de Maputo (FM), é um portal de privado de notícias online. Tem noticiado regularmente sobre determinados acontecimentos, sem, contudo, demonstrar favorecimentos.



que agiam com truculência. Os mercados e *dumba-nengues*²⁴, passaram a desempenhar grande centralidade nas paralisações e disseminação de informação dentro dos bairros periféricos. Realizavam-se também assembleias, onde se decidia a postura a adotar, que não raras vezes estavam além dos repertórios anunciados por Venâncio. Tornou-se também recorrente o uso de máscaras - quer nas zonas centrais, limítrofes ou periféricas - muitas vezes improvisadas com camisetes e outros tecidos, encapuzamento feito para proteger os manifestantes do reconhecimento facial e da inalação das bombas de gás lacrimogêneo, que passaram a ser neutralizadas com recurso a água e cones de trânsito, métodos de proteção contra a violência policial incorporados a partir da difusão de vídeos obtidos no Youtube.

A incorporação de novos repertórios de luta e resistência foi avançando à medida que a violência policial agudizava, tornando-se regularmente letal e respaldada pelos dirigentes da corporação²⁵ e altos-membros do governo. Jovens trajando camisetes pretas em simbolização do luto (sugestão de Venâncio), ocupavam e paralisavam avenidas, cruzamentos, rotundas, mercados de grande circulação durante quinze, trinta minutos ou até uma hora e meia. Eram interrupções semi-espontâneas na medida em que, apesar da publicitação da sua convocação, os espaços nos quais decorriam eram aleatórios e variavam ao longo do tempo, pegando assim de surpresa os comerciantes, os vendedores ambulantes e automobilistas. Motoristas viam-se obrigados a desligar seus veículos, ou até, no caso de viaturas pesadas como camiões de carga e autocarros articulados, a estacionarem de forma cruzada bloqueando todas faixas das estradas e entroncamentos.

²⁴ Feiras informais que dominam a actividade comercial nas cidades e periferias urbanas moçambicanas.

²⁵ Agência de Informação de Moçambique: Ministério do Interior declara tolerância zero às manifestações violentas e ilegais. Disponível em: <https://aimnews.org/2024/12/03/ministerio-do-interior-declara-tolerancia-zero-as-manifestacoes-violentas-e-ilegais/> Acesso em: 30-01-2025.



A colaboração dos automobilistas acontecia espontaneamente ou, em alguns casos, por coação e ameaças. O receio da retirada da chave²⁶ e também do apedrejamento das viaturas pelos manifestantes, métodos empregues nas primeiras semanas das manifestações, impeliram, inclusive, os automobilistas que não se identificavam com a causa a demonstrar apoio aos manifestantes na via pública. Assim, ao obedecer o comando dos manifestantes, desligando e parando os veículos de forma contrária às regras de trânsito, obstruindo a via, e também ostentando cartazes improvisados expressando indignação e frustração com a governação, esses condutores passaram a desempenhar um papel importante nessas acções colectivas de demonstração pública de repúdio ao governo da Frelimo e aos órgãos eleitorais.

Ao mesmo tempo em que insuflavam o volume e a extensão dos actos, criando uma imagem de unanimidade e de grandeza da mobilização popular, os veículos também freavam a acção repressiva e violenta da polícia nas tentativas de dispersão dos ajuntamentos. Neste sentido, pode-se afirmar que os automobilistas tinham uma “dupla participação”, isto é, indirecta, uma vez que sua presença naquele espaço não foi previamente programada, eram colhidos de surpresa pelo evento; e directa, na medida em que suas viaturas, ordenadamente desordenadas pelos manifestantes, engrossavam números e também impediam a passagem de todos, sobretudo a progressão dos veículos blindados da polícia antimotim.

Repreensão e letalidade policial

Apesar da indignação e das denúncias, a violência e alta letalidade da polícia antimotim, designada por UIR (Unidade de Intervenção Rápida), e SERNIC (Serviço Nacional de Investigação Criminal), não cediam aos apelos e protestos de individualidades mediáticas, activistas e diversas organizações da sociedade civil no sentido de respeitar a dignidade, a vida e os direitos humanos das populações nas

²⁶ Em vários casos, os manifestantes retiravam a chave de alguns motoristas, chegando até a desaparecer, deixando-os no desespero por várias horas, enquanto travavam a progressão das viaturas policiais.



manifestações. Pelo contrário, Bernardino Rafael, então Comandante-Geral da polícia, aparecia cancelando tais matanças comparando os protestos ao terrorismo urbano²⁷; reiterando intolerância política e negação do direito constitucional à manifestação (no caso, movimentos contrários ao governo), em uma clara prevalência de lógicas mentais belicistas, características de partidos de gênese militar, o que fragiliza a ordem política e democrática²⁸.

Os assassinatos ocorriam na via pública ou em espaços privados, havendo rusgas policiais nas zonas periféricas, destacando-se bairros de baixa renda tais como, Maxaquene; Polana Caniço; Luís Cabral; Trevo, Infulene; Patrice Lumumba; e Machava. Aqui, a truculência, a humilhação, o descaso e o desrespeito pela dignidade das populações carentes evidenciava-se no disparo indiscriminado de bombas de gás lacrimogêneo para o interior de residências, afetando gravemente mulheres, crianças e enfermos; além de perseguições, invasões, açoitamento e baleamento²⁹ a indivíduos desarmados dentro das suas casas; o que não se verificava durante as paralisações nas zonas centrais.

Eram claramente evidentes as diferenças e o impacto das manifestações na região central urbana e nos bairros periféricos. Como já apontado, os eventos foram ganhando dinâmicas distintas com o passar do tempo. Nos bairros do centro, estruturalmente mais privilegiados, as intervenções noturnas dos manifestantes incidiam na batida e toque das panelas a partir das varandas dos apartamentos; e, de dia, em ajuntamentos para bloqueio temporário de tráfego, como já referido. Entoava-se o hino nacional e o africano, exibiam-se cartazes e terminava-se com apitos e salva de palmas, com apoio dos trabalhadores que se juntavam ao sair dos seus postos. Não havia destacamentos policiais para reprimir os manifestantes ou

²⁷ Portal Folha de Maputo: PRM diz basta às manifestações violentas. Disponível em: <https://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/nacional/prm-diz-basta-as-manifestacoes-violentas/> Acesso em 10/01/2025.

²⁸ Siteo, E. J. (2011). *Making sense of the political transformations in Angola and Mozambique from 1984 to 1994*. Lambert Academic Publishing.

²⁹ Zona de Luís Cabral: três jovens mortos e outros feridos em manifestações violentas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gUQI3FFPuNc> Acesso em: 30-01-2025.



bloquear sua mobilidade em certas artérias da cidade, salvo os acessos à Presidência e residência oficial do presidente da república, desde a avenida 25 de setembro e também a praça do Destacamento Feminino na avenida Julius Nyerere, que estava encerrada ao tráfego. A dupla faceta completa-se com a extrema violência e mortes verificadas nos bairros periféricos em virtude da presença e intervenção policial, como já relatado mais acima.

Para pontuar as devidas nuances, é importante notar que registaram-se também casos gravíssimos de violência policial na região central de Maputo. Uma viatura, tanque blindado, passou em alta velocidade por manifestantes, atingindo severamente uma jovem na Avenida Eduardo Mondlane. Disparos e assassinatos nas imediações da estátua, também foram registrados na mesma avenida, repetindo-se ainda em momentos diferentes no mercado Estrela Vermelha, Praça da Juventude, no bairro Alto-Maé; a região de Malhangalene, a praça da OMM e as imediações da Avenida Julius Nyerere, na Polana Caniço B, vulgo Sommerschild 2. Além disso, houve ocasiões específicas em que a repressão mais visível se deu no centro da cidade, como quando nas noites, homens armados, trajados a civis, disparavam para o interior dos prédios no intuito de aterrorizar e dissuadir os residentes de bater panelas, tocar apitos ou efectuar outras formas de demonstrações a partir das suas casas. Violência ocorreu também nos dias que antecederam 7 de novembro, data designada por Venâncio e manifestantes como “Dia D”. Nessa fase, a polícia permitiu manifestações periféricas desde que não avançassem para o centro, reprimindo simultaneamente e fortemente as tentativas de protesto no coração urbano, inclusive de sectores da classe média, antecipadamente anunciados, como empresários muçulmanos e partidos da oposição. Ainda assim, esses casos não têm a mesma dimensão do registado nos bairros populares.

A intolerância e truculência policial verificadas nas periferias fizeram despontar entre as populações enfurecidas uma postura não só de autodefesa, mas também de retaliação. Retaliação tenaz contra tudo que representava ou se ligava à Frelimo. Foi o que encontrei quando passei a ganhar mobilidade e capacidade de barganha para



transitar pelos bairros. As interações com os protagonistas esclareceram suas motivações, permitiram-me ver e vivenciar suas acções na especificidade, entender suas angústias, mapear as dificuldades e estratégias na construção da sua luta, podendo portanto, daí extrair elementos etnográficos deveras importantes na apreensão de uma razão cosmológica específica, uma concepção émica de mundo concernente à rebelião de milhões de moçambicanos, demonstrada nas ruas contra seus governantes.

*

O povo em acção

Uma vez que a polícia actuava com ferocidade nas grandes vias, cuja estrutura facilitava o trânsito das viaturas blindadas e de tanques que removiam barricadas, os manifestantes, em uma ampliação do seu campo de actuação, estenderam os actos contestatórios para o interior das suas comunidades, onde o domínio dos becos sinuosos, ruas estreitas, vias não asfaltadas e esburacadas, os colocava em alguma vantagem nos embates contra a polícia.

Dentro dos bairros periféricos, os manifestantes passaram a identificar as estruturas administrativas locais e representantes do partido Frelimo, como chefes de bairro, secretários de bairro, delegados e membros em uma posição hierárquica importante, assim como as residências de alguns agentes policiais. Mapearam também as sedes partidárias, as esquadras policiais, sedes distritais de organismos eleitorais, tribunais, agências bancárias, balcões das empresas distribuidoras de água e de electricidade.

O entendimento, de acordo com meus interlocutores, era de que os indivíduos e as instituições mencionadas exerciam papel activo na administração de sofrimento ao



povo³⁰, sendo vistos como braços executores, facilitadores e viabilizadores de diferentes formas de opressão e exploração perpetradas desde que a Frelimo ascendeu ao poder, em 1975. Assim, ao se mapear as residências desses indivíduos, e a localização dessas instituições, os manifestantes passaram a operar dentro de um sistema de vingança, protagonizando acções de retaliação do tipo “self help”.

A acção popular baseava-se nas “visitas” (*a ku va wela*³¹) aos locais previamente mapeados, onde os manifestantes privilegiavam os comitês distritais e sedes de bairro do partido Frelimo, neutralizando suas funções via sabotagem, incêndio e destruição. O mesmo tratamento era aplicado às residências de notórios membros desse partido dentro das comunidades, sem olhar sua classe social. As casas de construção precária não resistiam ao fogo, e a criação na capoeira era abatida ou levada; as casas de arquitetura contemporâneas eram fustigadas pelo fogo, paus e pedras, destino também dado aos automóveis ali encontrados. As piscinas e jardins, tão pouco escapavam da fúria dos manifestantes.

Esse conjunto de acções podem ser lidos à luz da negação do estabelecimento de uma autoridade centralizada desigual, tal como proposto por Pierre Clastres³², na sua teorização sobre as sociedades ameríndias agindo contra o estabelecimento de uma ordem organizacional equivalente ao Estado. Para o autor, tais sociedades - recorrendo a mecanismos sociais de rejeição a criação de excedentes, acumulação de bens, economia de subsistência, regulação das interações do chefe, a guerra como táctica funcional que fragmenta e gera dispersão e autonomia - evitam a emergência de classes sociais e concentração de poder, resultando em forma política que se opõe

³⁰ Essas reflexões estão ilustradas na pesquisa etnográfica desenvolvida com os diferentes movimentos comunitários, partidos políticos opositores, vendedores em mercados populares, comerciantes etc, onde se nomeia toda a estrutura administrativa do Estado, bem como os demais sectores ligados ao partido Frelimo, como causadores da miséria e decadência social dos moçambicanos. Para mais, ver MUHALE, M. J. J. (2022). A Democracia em regimes autoritários: o funcionamento da democracia em Moçambique a partir de uma perspectiva etnográfica das eleições gerais de 2019. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo.

³¹ Uma discussão mais alargada desse conjunto de acções será efectuada em outro trabalho.

³² CLASTRES, P. (2014). *A sociedade contra o Estado*. Editora Cosac Naify



ao modelo estatal ocidental. Nesse sentido, podemos afirmar que as casas e os indivíduos atacados durante essas manifestações, o foram porque são contextualmente entendidos como uma classe social separada da comunidade, sendo sua capacidade de concentração de bens e poder vista como ameaça ao equilíbrio comunitário.

Nesse leque, havia também recebedorias da empresa distribuidora de água, atacadas³³ porque os manifestantes entendiam que faziam cobranças avultadas e prestavam péssimos serviços. Já as sedes da Electricidade de Moçambique (EDM), foram transformadas em depósito de lixo. Os moradores, alegando a não prestação do serviço de recolha pela tutela municipal, passaram a depositar seus resíduos nas entradas dos balcões da EDM, afirmando que a empresa, responsável também pela cobrança mensal da taxa de lixo, “se entenderia com o município”.

Apesar da gravidade das acções acima descritas, os vídeos que circulavam nas redes sociais mostravam os manifestantes obstinados, entoando cânticos e gritos de ordem. Os cartazes e as declarações acompanhando a deposição do lixo, apelavam para uma dimensão lúdica, uma vez que, em vários casos, faziam associações entre os detritos e os dirigentes frelimistas. Essa deposição também era performativa, na medida em que os seus protagonistas perfilavam-se imitando protocolos de um acto solene. A solenidade do lixo; é nisso que os manifestantes resumiam a prestação dos sucessivos governos da Frelimo.

Se os manifestantes reclamam de uma governação falhada desde a proclamação da independência em 1975, pela Frelimo, como se explica que durante várias décadas não tenha havido uma insurgência popular, um levante generalizado nas ruas, como aconteceu entre outubro de 2024 e março de 2025? Esta indagação não imprime uma marca de passividade às populações de Moçambique, pois autores como Christian

³³ Houve também ataques de destruição e incêndio das antenas dos provedores de telefonia móvel em diversos bairros. Sobre este assunto, abordarei com mais detalhe em outras reflexões.



Gefray³⁴ e Michel Cahen³⁵, foram exaustivos na ilustração de como a longa guerra conduzida pela Renamo logrou sucesso a partir da construção de uma base social de apoio. Todavia, o amparo que as populações ofereciam aos guerrilheiros, estava inserido em um contexto específico e obedecia uma outra ordem. Outrossim, tivemos em 2008 e 2010 casos de acção directa numa escala muito menor e de curta duração, onde as populações ensaiaram fazer-se às ruas e até saquearam e incendiaram algumas propriedades e veículos em protestos contra a subida do preço dos transportes e do pão, mas foram rápida, violentamente reprimidas e acuadas pela polícia. Foram também achincalhadas pelos dirigentes governamentais.

Portanto, considerando esse contexto de controle social asfixiante, importa indagar a natureza das relações estabelecidas pelas lideranças partidárias com as populações, ao ponto de evitar que, por tanto tempo, elas não se rebelassem com fúria e tenacidade: Tratava-se, de um controle rigoroso, uma submissão incontestável ou havia então uma sutileza e complexidade nos modos de dominação? Quais foram as dinâmicas desses modos de governação, como elas foram empregues; e que poderes foram elaborados e exercidos de modo a controlar com relativa eficácia, uma vasta população insatisfeita, vivendo na extrema pobreza por cerca de cinquenta anos?

Pode ter contribuído a situação de espera prolongada vivida pela maioria da população moçambicana, *Waithood*, período em que se observa suspensão entre a infância e a idade adulta. Como explica Alcinda Honwana, nesta fase, as transições da juventude à idade adulta tornaram-se tão incertas que um número crescente de jovens, rapazes e raparigas, vê-se obrigado a improvisar formas de subsistência e relações interpessoais fora das estruturas económicas e familiares dominantes³⁶. Para a autora, esse conjunto de dificuldades pressiona a juventude a engendrar soluções criativas.

³⁴ GEFFRAY, C. (1991). *A causa das armas: antropologia da guerra contemporânea em Moçambique* (Vol. 20). Edições Afrontamento.

³⁵ CAHEN, M. (2019). Les «bandits armés» du Mozambique. 20 & 21. *Revue d'histoire*, 141 (1), 128-141.

³⁶ HONWANA, A. (2014). Juventude, waithood e protestos sociais em África. in Luís de Brito et al. (orgs) *Desafios Para Moçambique 2014*, Maputo: IESE. pp. 399-412.



Aliado a isso, em uma pesquisa³⁷ realizada em Moçambique, Myanmar e Paquistão, estudiosos apontam que em sua larga maioria, as famílias pobres e marginalizadas, no decurso quotidiano das suas vidas não dependiam do Estado ou de outras autoridades formais ou externas para resolver seus problemas. Geralmente, elas simplesmente "conviviam com" esses problemas ou os resolviam por meio de "autoprovisão/desenrascavam³⁸" - ajuda mútua e ação comunitária. Quando recorriam às autoridades, utilizavam "intermediários de governança" – atores que conectam pessoas com as autoridades ou mediam entre as famílias. Esses intermediários desempenhavam um papel central na governança local, utilizando suas redes e implementando uma série de estratégias com foco na resolução local de problemas.

Os casos etnográficos que se seguem oferecem ideia mais aproximada desse tipo de intermediação no contexto moçambicano.

***A hi mi lavi, hi ta ti fuma* (Não vos queremos, vamos nos autogovernar)**

Como já apontado, dia-após-dia, semana-após-semana, quanto mais tempo as populações demonstravam indignação nas ruas, novos repertórios de luta eram criados, reapropriados ou incorporados. Tendo iniciado com a repressão violenta à homenagem dos políticos da oposição assassinados, em seguida passando a exigir a “reposição da verdade eleitoral”, as manifestações tornaram-se aberta e generalizadamente actos de repúdio à Frelimo e tudo a ela associado. Nesse sentido, os manifestantes direccionaram suas atenções para a máquina governamental partidária dentro da comunidade.

Importante enfatizar que a disposição organizacional administrativa da Frelimo começa no interior da comunidade. O bairro é composto por quarteirões, cada um

³⁷ ANDERSON. C. et al (2023). Everyday governance in areas of contested power: Insights from Mozambique, Myanmar, and Pakistan. *Development Policy Review*, 41(Suppl. 1), e12683. <https://doi.org/10.1111/dpr.12683>.

³⁸ Acréscimo meu.



destes com seu o chefe que, por sua vez, responde ao secretário do bairro e, cumulativamente, sobe-se para as instâncias distritais, municipais, provinciais etc.

Tendo sobre si o controle administrativo das residências e famílias que compõem o seu espaço territorial, o chefe de quarteirão é a primeira instância de contacto com a burocracia e o poder do Estado que o cidadão experimenta no quotidiano. Vale lembrar que esta figura redige o documento atestando a residência do cidadão, declaração de extrema importância na vida dos moçambicanos, pois é a partir dela que se inicia a tramitação de todo expediente burocrático: a abertura de uma simples conta bancária, a tramitação do bilhete de identidade, a matrícula escolar, a regularização do serviço militar, a aplicação a uma vaga de emprego ou bolsa de estudos etc. Cada trâmite burocrático exige sua certidão específica e o cidadão deve desembolsar ao chefe de quarteirão a quantia de cem meticais por cada declaração emitida.

O chefe de quarteirão também informa à comunidade sobre reuniões, decorrência de diversas actividades como campanhas sanitárias e cívicas, apelando aos moradores a receber os brigadistas, recenseadores, agentes sanitários dentre outros. Transmite na vizinhança as ocorrências dentro do bairro (acidentes, infortúnios, casamentos, chegada de novos moradores), reporta esses factos ao secretário do bairro, e também age como agente dinamizador e recrutador de membros para integrar o partido Frelimo, convidando moradores para os encontros nos comités e sedes do partido dentro do bairro. Existe, inclusive, a crença de que essa figura observa e mapeia os comportamentos e posturas e propriedades dos moradores; suas profissões, seus locais de trabalho, suas amizades e afinidades político-ideológicas; transmitindo-os posteriormente aos seus superiores hierárquicos.

Foi alegando o supracitado que um conjunto de manifestantes, por mim observados em um bairro³⁹ da Matola, na província de Maputo, architectando “erradicar a Frelimo de dentro da comunidade; cortar o seu braço operativo na vizinhança”, muniu-se de

³⁹ Para preservar meus interlocutores, não mencionarei os nomes dos locais onde ocorreram estas acções.



paus, pedras, catanas, combustível entre outros, e escalou a casa do chefe de quarteirão local. Aos gritos de “povo no poder”; ou “ladrões, corruptos, assassinos”⁴⁰, intercalando com a canção *Makhamba ma hi tolovela*⁴¹, caminhavam pelas ruas despertando curiosidade e arrastando alguns moradores. Chegados à residência do visado⁴², arrombaram-na, quebraram tudo o que encontraram pelo caminho, carregaram porcos e galinhas, partiram os pertences e móveis no interior da casa, e incendiaram-na. Antes, levaram consigo vários cartões de recenseamento que se encontravam cuidadosamente guardados entre outra documentação. Para estes indivíduos, a posse desses documentos eleitorais era prova inequívoca de que o chefe de quarteirão participou activamente da fraude, traindo a vizinhança e os moçambicanos, devendo ser expulso da comunidade. Desse modo, seria mais do que justificável o fogo em sua casa.

Foi vendo essa fumaça que me dirigi ao local, cruzando pelo caminho com um grupo de senhoras que lamentava o sucedido e congratulava-se por “ninguém ter sido encontrado na casa”, referindo-se ao visado e seus familiares, pois suspeitavam que teriam sido mortos pela fúria popular. Ao chegar, encontrei uma parte da vizinhança que, movida de pena, apagava as chamas, enquanto comentava ser previsível que isto acontecesse, já que “o povo sofre e ainda tem de pagar um vizinho para ter documento, enquanto procura emprego”.

O cenário era desolador, estava tudo destruído. Procurei saber o paradeiro da maioria dos manifestantes, e me foi indicado que se dirigiram à casa do régulo da comunidade. Este era acusado de apropriação e venda de lotes de terra, cedendo parcelas à militância frelimista, tudo em benefício próprio e do partido. Acusavam-no também de

⁴⁰ Palavras de ordem patentes nos discursos de Samora Machel, ressocializadas/repopularizadas respectivamente pelas músicas Povo no Poder e A Marcha, do rapper Azagaia.

⁴¹ Sucesso musical do artista Refiller Boy, filiado ao partido Nova Democracia. A faixa faz uma crítica directa à Frelimo pela má governação, corrupção, assassinatos e a responsabiliza pelos maus rumos que o país vem tomando. No auge das manifestações, foi a música mais tocada nas caixas de som e também entoada pelos manifestantes durante as passeatas e paralisações.

⁴² Devido ao clima social vivido, muitos membros da Frelimo tinham abandonado suas casas com suas famílias, e procurado refúgio em regiões distantes.



cobrar somas avultadas para o *lobolo*⁴³ dos terrenos, enquanto erguia uma casa enorme e comprava vários carros, fruto do dinheiro e terras da comunidade. Aqui, houve ordens expressas de que nada deveria ser tomado por qualquer dos manifestantes. O estipulado era a destruição total, incluindo as roupas, loiça, ferramentas e materiais de construção (visto que a residência se encontrava em obras), incluindo viaturas. Ao executar tais tarefas, o grupo de jovens proferia impropérios ao partido Frelimo, afirmando que tudo dentro daquela propriedade era fruto do suor do povo, que esse partido usasse de novo o dinheiro que rouba do povo para ajudar o régulo a efectuar a reforma da casa.

Aos cânticos de *Makhamba ma hi tolovela*, dirigiram-se à casa de um servidor público, técnico municipal que acompanhava as equipas de vistoria, fiscalizando obras, conferindo diferente documentação como o Direito de Uso e Aproveitamento de Terra (DUAT), as respectivas licenças de construção e delimitações dos lotes, entre outros. Cabe notar que é a equipa de fiscalização que, com a “expertise técnica”, não somente atesta e avaliza a legalidade, detecta irregularidades e embarga as construções, como também fixam multas, apreendem materiais de construção e exigem subornos.

Os manifestantes alegaram que as dimensões dos seus lotes foram reduzidas ou usurpadas, suas obras paralisadas, seus materiais de construção confiscados, além de terem sido eles mesmos extorquidos várias vezes pelos agentes municipais; o que os levou a irromperem na casa do aludido técnico, começando por incendiar as duas viaturas que se encontravam no pátio. Forçando a sua entrada ao interior da residência, arrancaram o gradeamento, reviraram os pertences encontrando vários processos de regularização dos terrenos e habitações que, no entendimento dos manifestantes, deveriam estar nas dependências municipais, e não na residência de seu funcionário. Recolheram essa papelada, tomaram os eletrodomésticos e outros objectos considerados valiosos, sob a alegação de terem sido adquiridos com dinheiro

⁴³ Cerimonial em que as estruturas locais “abençoam” o lote vendido para o novo morador. A ideia é de que esses anciãos intercedam junto dos antepassados, anteriores proprietários daquelas terras, para que aceitem a ocupação do espaço por novas famílias.



ilícito, vindo das extorsões e venda ilegal de terrenos. Posteriormente, incendiaram e abandonaram o recinto, dispersando-se imediatamente.

O facto de essas acções serem conduzidas à luz do dia, e de uma única vez, é indicativo de que, apesar de seus actores apresentarem suas faces mascaradas ou cabeças encapuçadas, pretendiam dar ampla publicidade, ou melhor, espetacularização da rebelião. Eles próprios filmavam e narravam os vídeos enquanto quebravam e incendiavam as propriedades, sem sinais de remorsos; conversavam e davam orientações à vizinhança que, apesar das máscaras que envergavam, os reconhecia e interagia sem demonstrar qualquer apreensão. Podemos dizer que as acções descritas não eram percebidas como violentas ou geradoras de caos; tratava-se de um mecanismo colectivo e consciente, actuando activamente com vista a impedir a consolidação de um grupo que a partir de um poder centralizado⁴⁴ produzia desigualdades.

Creio que seja razoável afirmar que o ritmo, a sequência, e a temporalidade que estas acções tomaram, sugere que, embora inéditas, elas não representam uma novidade para os envolvidos. A ausência de alarido enquanto tudo se quebrava e as chamas consumiam as residências e viaturas, ilustra a partilha, dentro da comunidade, de um entendimento comum sobre o papel e lugar dos seus proprietários, naquilo que chamavam de “exploração do povo”.

Ideias de vingança, expulsão ou punição aos simpatizantes e membros da Frelimo, já circulavam há algum tempo no seio da comunidade, e seu relativo sucesso material e financeiro era visto como intrinsecamente ligado à opressão e ao empobrecimento da maioria populacional, sendo, nesse caso, ilegítimo. Nesse sentido, podemos afirmar que havia um acordo tácito no seio da comunidade sobre a necessidade de reposição de uma ideia de justiça, ainda que isso exigisse uma postura radical.

Aquelas propriedades e seus donos eram como cartas marcadas, alvos já definidos, aguardando-se que as condições apropriadas fossem reunidas para sua execução. Os

⁴⁴ CLASTRES, P. (2014). *A sociedade contra o Estado*. Editora Cosac Naify.



ataques foram, portanto, o culminar de diversos mecanismos de resistência e de combate que, em uma outra escala, vinham sendo travados quotidianamente⁴⁵ contra o que representava o poder central dentro da comunidade. São ainda, os ataques, uma deflagração de guerra como apontada em Clastres⁴⁶, que funciona como estratégia de preservação da homogeneidade social (uma vez que se actuava na destruição de bens de valor, marcadores distintivos de classe); geração de fragmentação, dispersão e autonomia.

Efectivando a autogovernança

Após o que foi considerado como a “expulsão da Frelimo de dentro bairro”, os moradores convocaram uma assembleia, cabendo à um grupo destacado passar em cada casa informando a comunidade da data e agenda da mesma. O recado era claro: discutir a nova forma de organização pretendida e nomeação de novos representantes do bairro.

Por volta das 14:00 horas do sábado, dia 11 de janeiro de 2025, véspera da tomada de posse de Daniel Chapo⁴⁷, candidato declarado vencedor das eleições pelo Concelho Constitucional, começaram a soar apitos cada vez mais altos, anunciando a chegada da hora do encontro. Vários membros da comunidade, circulavam incansavelmente debaixo de sol intenso, convocando a vizinhança a se apresentar no campo de futebol, espaço recreativo do bairro.

Posicionados formando um enorme círculo, os moradores gritavam na abertura da sessão “A xi hanhi xitsungu! A xi hanhi xitsungu!”; um marco deveras importante pois, ao gritar (viva o povo! Viva o povo!), operava-se uma dissociação ideológica do regime

⁴⁵ SCOTT, J. C. (2012). *Decoding subaltern politics: Ideology, disguise, and resistance in agrarian politics*. Routledge.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Chapo assumiu a presidência da república no dia 15 de janeiro de 2025. Para mais, ver: <https://www.dw.com/pt-002/daniel-chapo-toma-posse-em-ambiente-de-tens%C3%A3o-e-aparato-militar/a-71295131> acesso em: 02/03/2025.



frelimista. Antes, nos encontros dirigidos pelas estruturas partidárias e estatais, as palavras de ordem e os gritos enfatizavam a primazia desse partido como “guia do povo moçambicano”, e também celebravam suas lideranças e sua estrutura organizativa. Agora, ao celebrar-se a si, a comunidade não apenas afirma a ruptura que lhe é negada pelas instituições da administração eleitoral⁴⁸, como também recoloca-se, *xitsungu*, no centro da luta, isto é, como sujeito primário da acção política. Era a rejeição da secundarização das demandas e da luta popular, por uma agenda e centralismo partidário.

Mais do que uma disjunção verbal, com o grito “*A xi hanhi xitsungu!*” estes cidadãos retiram a Frelimo do pedestal que ela sempre ocupou no imaginário sociopolítico nacional, e a reduzem a um partido político como os demais, diferenciando-se deles pelo que entendem como sua vantagem histórica, que lhe permitiu domínio social e económico. A sua força na dimensão simbólica é negada uma vez que o encantamento e atração de que gozou em tempos, depreciou ao nível da repulsa, desdém, desonra e descrédito total. O então partido de massas, autointitulado “guia do povo moçambicano”, tornou-se alvo de chacota, escárnio; não de uma repugnância que o levava ao isolamento, mas sim, à sua extinção, como exigiria uma praga.

O decurso da tão concorrida assembleia espelhou a avidez e irredutibilidade dos presentes na obliteração de qualquer ligação ao partido Frelimo. O encontro foi conduzido com enfoque na horizontalidade, procurando-se colher a maior diversidade de opiniões. Nesse sentido, cronometrava-se o tempo dos intervenientes, de modo a alargar a participação a maior número dos presentes. Cada intervenção era iniciada com a saudação “*A xi hanhi xitsungu*”, respondida efusivamente pelos demais, que repetiam.

Dentre vários tópicos discutidos, destaque para a unanimidade na oficialização da destituição das antigas estruturas administrativas, e estipulação da eleição directa

⁴⁸ Várias vezes se ouviu os populares a desabafar sobre a instrumentalização das instituições de justiça (Levitsky & Ziblatt, 2022), no caso moçambicano, apontando que a CNE e Concelho Constitucional, ao desconsiderar as evidências de fraude e adulteração dos resultados, não aceita que o povo escolha outras lideranças além da Frelimo e seus candidatos.



para escolha dos novos representantes comunitários, que teriam de ser indivíduos idôneos, respondendo apenas à comunidade e não à qualquer partido político; negando-se o que se vinha percebendo como autocracia dos chefes de quarteirão e secretários de bairro, reafirmando-se deste modo, o lugar da representação e liderança comunitária como posição de mediação que ajuda a manter a autonomia das comunidades⁴⁹ sem aventurar-se em consolidação de um poder centralizado.

Uma vez que a letalidade policial durante as rusgas mostrava-se elevada, e também com a fuga de prisioneiros⁵⁰ das duas grandes cadeias em Maputo alastrando boatos sobre ocorrência de sabotagens, assaltos, assassinatos, e violações sexuais, decidiu-se pela revitalização de grupos de patrulha e vigilância comunitária; resistência à entrada de viaturas de policiais no bairro (uma vez que a polícia era acusada de truculência e assassinatos); recomendou-se também aos mais jovens a evitar circular em outros bairros, pois corriam risco de serem confundidos com os prisioneiros fugitivos, ou espões e informantes da polícia, uma infinidade de elementos que demonstram de certa forma o que se tem chamado de morbidade da crença⁵¹ nas instituições democráticas.

Acto também corajoso e ousado, à semelhança do que vinha acontecendo em outros bairros⁵², foi a decisão de invasão, tomada e distribuição de terra ociosa pelos membros da comunidade. Mais do que as anteriores acções de contestação perante o que se entendia como injustiças e incúria dos governantes frelimistas, desta vez, o povo pautou por uma medida de ataque, isto é, não esperou pelas burocracias ou actos administrativos de atribuição do direito de uso de terra.

⁴⁹ Como aponta Clastres (2014).

⁵⁰ RADIO MOÇAMBIQUE: Fuga de mais de 1500 reclusos da cadeia B.O. de Maputo, faz 33 mortos. Disponível em: <https://www.rm.co.mz/fuga-de-mais-de-1-500-reclusos-da-cadeia-b-o-de-maputo-faz-33-mortos/> Acesso em: 30/03/2025.

⁵¹ Como refere Castells (2017).

⁵² População invade e distribui terrenos supostamente dos camaradas <https://evidencias.co.mz/2025/01/08/populacao-invade-e-distribui-terrenos-supostamente-dos-camaradas/> Acesso em: 14/04/2025.



O povo sentiu-se no direito de tomar para si espaços vistos como desocupados ou pertencentes a nomes ligados ao poder político. São vastas extensões de terrenos, na sua maioria baldios, que dentre outros, criavam mata e vida animal, e serviam também como depósitos irregulares de lixo e esconderijos de criminosos. Portanto, a população, cansada de esperar e, em um contexto onde a habitação e emprego são os principais problemas da juventude; decidiu transformar essas grandes reservas em lotes para os jovens e demais membros em situação de necessidade de terra. Foi assim que nos dias seguintes, munidos de fitas métricas para divisão e parcelamento; carregados de machados catanas, pás, enxadas, vassouras e ancinhos para a limpeza; e também transportando blocos, madeiras, estacas e chapas de zinco, abandonaram a esperança em um futuro melhor trazido pela grande política e, através da sua própria política colectiva, mais do que se lançar na construção de seus lares, viraram da página da espera⁵³ para outra na qual passam a ser sujeitos activos dos seus desígnios, não mais interessados nos lentos e despreocupados caminhos dos “chefes”. Sem certeza do que virá, começam fazendo as mudanças possíveis no presente.

Considerações Finais

As eleições em Moçambique, apesar de comumente chamadas de “momento de festa” pelas autoridades governamentais, passaram a ser invariavelmente espaço de confrontação com ânimos exaltados, intolerância e violência política. Muito tem contribuído a incapacidade da administração eleitoral em conduzir os processos com isenção, justiça e transparência. Além dos habituais confrontos violentos entre as caravanas dos diferentes grupos políticos, as eleições de outubro de 2024 exibiram a gravidade das divisões sociais fomentadas pela exclusão, desigualdades, precariedade social, concentração de poder e renda em pequenos grupos ligados ao partido Frelimo.

⁵³ Para mais aprofundadas reflexões sobre a condição de espera na qual se encontra a juventude africana e moçambicana, ver HONWANA, A. (2014). 2 ‘Waithood’: Youth transitions and social change. In. *Development and equity* (pp. 28-40). Brill.



Esses e outros aspectos vinham sendo alertados por diferentes estudiosos e organizações da sociedade civil preocupados com o potencial explosivo inerente.

Ao reprimir de modo truculento, desproporcional e humilhante o acto de solidariedade em homenagem a Elvino Dias e Paulo Guambe, a polícia desencadeou uma reacção de autodefesa das populações que passaram protagonizar diferentes demonstrações de acção directa, por vezes com recurso a meios violentos dirigidos ao Estado. Tais demonstrações ganharam regularidade ao ponto de paralisar a vida social e económica das grandes cidades por cerca de um semestre. Foram cruciais as convocações de Venâncio Mondlane que, a partir das suas redes socais cibernéticas, passou a convocar as populações para ocupar as ruas e exigir a reposição da verdade eleitoral. Embora respondendo ao chamado de Venâncio, as populações não se cingiram apenas aos repertórios de accção por ele propostos, conjugando-os com suas próprias estratégias mediante os diferentes contextos. Em vários casos, as populações foram muito além das propostas de Venâncio, e passaram a colocar suas próprias demandas, pautando deste modo os rumos do movimento.

Os dirigentes políticos, não se guiando por gramáticas do regime democrático, redobram a resposta violenta da polícia, em claro desrespeito dos direitos humanos e dignidade das populações que governam. Além de gerar mais violência, essa postura instalou completamente uma ruptura social, na qual as populações deixam de reconhecer os dirigentes, destroem símbolos de poder, atacam instituições estatais em rejeição dos usos feitos das suas funções. A deslegitimação das autoridades é visível quando as populações passam a recorrer a formas de autogoverno, discutindo e decretando em assembleias comunitárias sobre os rumos a tomar.

A ruptura social instalada mostra que as populações não querem continuar na espera, decidiram tomar papel activo na mudança dos rumos sociais, querem ser ouvidas e fazer parte da distribuição de oportunidades; o que vai obrigar necessariamente a uma outra forma de abordagem que inclua diálogo, escuta, empatia e inclusão; menos repressão e violência por parte das autoridades governamentais, caso estas considerem importante reconciliar-se com o seu povo; o que parece estar longe de



acontecer, visto que, volvidos dez meses, apos suas eclosão, Moçambique ainda assiste actos de violência e agitação social, envolvendo agentes policiais e mobilizações populares.



Referências bibliográficas

- ANDERSON, C., et al (2023). Everyday governance in areas of contested power: Insights from Mozambique, Myanmar, and Pakistan. *Development Policy Review*, 41(Suppl. 1), e12683. <https://doi.org/10.1111/dpr.12683>
- CAHEN, M. (2019). Les «bandits armés» du Mozambique. 20 & 21. *Revue d'histoire*, 141(1), 128-141.
- CASTELS, M. (2017). Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Editora Schwarcz-Companhia das Letras
- CLASTRES, P. (2014). A sociedade contra o Estado. Editora Cosac Naify.
- GEFFRAY, C. (1991). A causa das armas: antropologia da guerra contemporânea em Moçambique (Vol. 20). Edições Afrontamento.
- HANLON, J. (2024). 25 anos de fraude eleitoral protegida pelo secretismo. CIP. Maputo, 2024
- HONWANA, A. (2014). Juventude, waithood e protestos sociais em África. (pp. 399-412). In Luís de Brito et al. (orgs) *Desafios Para Moçambique 2014*, Maputo: IESE.
- HONWANA, A. (2014). 'Waithood': Youth transitions and social change. In: Foeken, D., Dietz, T., de Haan, L., & Johnson, L. (2014). *Development and equity: An interdisciplinary exploration by ten scholars from Africa, Asia and Latin America*. (pp. 28-40). Brill.
- LEVITSKY S., & Ziblatt, D. (2022). Como morrem as democracias. Vogais.
- MACUANE, J. (2020). Estrutura e agência das instituições de soberania e democratização em Moçambique, 1990-2020. (pp. 55-80). In: Rosário DM et al. *Democracia multipartidária em Moçambique*. Edição 1. EISA. Maputo
- MUHALE, M. J. J. (2022). "A Democracia em regimes autoritários: o funcionamento da democracia em Moçambique a partir de uma perspectiva etnográfica das eleições gerais de 2019". Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo. São Paulo
- NUVUNGA, A, and MA Mohamed Salih (2013). "Party dominance and electoral institutions: framing Frelimo's dominance in the context of an electoral governance deficit." *Africa Review*" no. 1 (2013): 23-42.
- PALMEIRA, M. e GOLDMAN, M. (orgs.). 1996. *Antropologia, Voto e Representação Política*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 240 pp.
- ROSARIO, D.M. (2020). Órgãos de administração eleitoral em Moçambique: entre a (im) parcialidade, (in) dependência e a procura de transparência nas eleições "competitivas" em tempos de regimes híbridos. In: Rosário DM et al. *Democracia multipartidária em Moçambique*. Edição 1. EISA. Maputo
- SITOE, E. J. (2011). Making sense of the political transformations in Angola and Mozambique from 1984 to 1994. Lambert Academic Publishing
- SCOTT, J. C. (2012). Decoding subaltern politics: Ideology, disguise, and resistance in agrarian politics. Routledge
- TOMAZI, L.A. (2018). "A crise de representatividade política e seu contexto social". *Revista Direito em Foco* - Edição nº 10

Jornais eletrônicos e sites

- AGÊNCIA DE INFORMAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (AIM) - Ministério do interior declara tolerância zero às manifestações violentas e ilegais. Disponível em: <https://aimnews.org/2024/12/03/ministerio-do-interior-declara-tolerancia-zero-as-manifestacoes-violentas-e-ilegais/> Acesso em: 30-01-2025
- DEUTSCHE WELLE AFRICA (DW) - Eleições: CNE vai atropelar as denúncias de irregularidades? Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/elei%C3%A7%C3%B5es-em-mo%C3%A7ambique-cne-vai-atropelar-as-den%C3%Bancias-de-irregularidades/a-70460680> Acesso em: 20-01-2025
- DEUTSCHE WELLE AFRICA (DW) - Observadores de Moçambique apontam irregularidades graves. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/mo%C3%A7ambique-observadores-eleitorais-apontam-irregularidades-graves/a-70513649> Acesso em: 30-02-2024
- DEUTSCHE WELLE AFRICA (DW) - Chapo toma posse em ambiente de tensão e aparato militar <https://www.dw.com/pt-002/daniel-chapo-toma-posse-em-ambiente-de-tens%C3%A3o-e-aparato-militar/a-71295131> Acesso em: 02/03/2025
- FOLHA DE MAPUTO - PRM diz basta às manifestações violentas. <https://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/nacional/prm-diz-basta-as-manifestacoes-violentas/> Acesso em 12/12/2024
- FOLHA DE MAPUTO - PRM considera manifestações ilegais. Disponível em:



<https://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/nacional/prm-considera-manifestacoes-pos-eleitorais-ilegais/> Acesso em: 30-01-2025

JORNAL O PAÍS - Manifestações paralisam trânsito na cidade de Maputo. Disponível em: <https://opais.co.mz/manifestacoes-paralisam-transito-na-cidade-de-maputo/> Acesso em: 30-01-2025

JORNAL O PAÍS - Agente da polícia morto a pedradas na Matola <https://opais.co.mz/agente-da-policia-morto-pela-populacao-na-matola/> Acesso em: 13/02/2025

JORNAL EVIDÊNCIAS - População invade e distribui terrenos supostamente dos camaradas <https://evidencias.co.mz/2025/01/08/populacao-invade-e-distribui-terrenos-supostamente-dos-camaradas/> Acesso em: 14/04/2025

RADIO MOÇAMBIQUE - Fuga de mais de 1500 reclusos da cadeia B.O. de Maputo, faz 33 mortos. Disponível em: <https://www.rm.co.mz/fuga-de-mais-de-1-500-reclusos-da-cadeia-b-o-de-maputo-faz-33-mortos/> Acesso em: 30/03/2025.

RÁDIO MOÇAMBIQUE (RM) - Polícia reitera apelo à população a não aderir a actos de vandalismo em alegada contestação a resultados eleitorais.

Disponível em:

<https://www.rm.co.mz/policia-reitera-apelo-a-populacao-a-nao-aderir-a-actos-de-vandalismo-em-alegada-contestacao-aos-resultados-eleitorais/> Acesso em: 30-01-2025

VOZ DA AMERICA (VOA) - CNE chumba candidatura da CAD e deixa Mondlane "órfão".

Disponível em:

<https://www.voaportugues.com/a/cne-chumba-candidatura-da-cad-e-deixa-ven%C3%A2ncio-mondlane-%C3%B3rf%C3%A3o-/7703037.html> Acesso em: 30-01-2025

Zona de Luís Cabral: três jovens mortos e outros feridos em manifestações violentas. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=gUQI3FFPuNc> Acesso em: 30-01-2025

“Long live the people!”

When the youth took to the streets and halted Mozambican cities.

Abstract: This paper comes from an ethnographic immersion into the popular demonstrations that took place in Mozambique after the October 2024 elections. Adopting a situated perspective, the reflection seeks to show how the protagonists of these acts understand the social and political life of the country, 50 years after independence marked by wars and a democratic transition that has proven incapable of making room for the plurality that characterizes the country's diverse peoples and groups.

Keywords: Mozambique, ethnography, uprisings, elections, youth

Recebido: julho/2025

Aprovado: novembro/2025.